



NELSON RODRIGUES: A OBRA COMO ELA É...

Vinícius Durval Dorne¹

RESUMO: O estudo do gênero biográfico ganhou relevo em todas as áreas, no jornalismo, na sociologia, na literatura... Relatar a vida de uma personalidade não é tarefa simples, principalmente de um escritor, pois o referencial de biografemas muitas vezes se amplia para além de sua cronologia, podendo ser detectado também em sua obra, independente dos gêneros que a compõem. Não raro, o escritor é um pouco biógrafo através do memorialismo. Muitos escritores de literatura (no caso em particular, Nelson Rodrigues, literato e jornalista) levam experiências pessoais para seus escritos, sendo cruciais esses dados para melhor se analisar a obra que então conhecemos. Se o que se quer é uma visão especificamente biográfica, os traços de memorialismo de uma obra prescindem de estudo, análise mais acurada, perscrutando quais dados são verídicos. A partir de então é possível conhecer a obra, localizar o indivíduo escritor no contexto e, de fundo, obter uma visão sócio-histórica e cultural de determinada época. Eis o objetivo deste estudo, que se serve da pesquisa bibliográfica e histórica para chegar aos fatos que geram o memorialismo do autor, entendendo ser o caminho metodológico de análise dialética o mais oportuno para identificá-lo e comprová-lo como recurso presente nas crônicas de "A vida como ela é...". A fundamentação da análise é, pois, leitura de crônicas jornalísticas do autor e abordagem crítico-teórica sobre os traços biográficos que as presenciam.

PALAVRAS-CHAVE: *A vida como ela é*; Biografema; Crônica de Nelson Rodrigues; Jornalismo;

INTRODUÇÃO

Nelson Rodrigues, um dos catorze filhos de Mário Rodrigues e de Maria Esther, nasceu no dia 23 de agosto de 1912, em Pernambuco. Foi um grande dramaturgo e jornalista. A influência de Nelson ter sido jornalista seguramente proveio de seu pai, que trabalhou em jornais de Recife, "Correio da Manhã", "Jornal do Recife", e que foi dono de "A Manhã" e "Crítica".

A partir dos treze anos começou a trabalhar em "A Manhã", ao lado do pai, como repórter policial. Gostava de relatar crimes passionais e mentia se fosse preciso (Nelson dizia que nos jornais contemporâneos os repórteres mentiam muito pouco), tinha grande facilidade para emprestar carga dramática aos relatórios que os repórteres traziam da rua. Aos dezesseis anos, foi promovido à editoria e começou a escrever um dos gêneros que iria marcá-lo fortemente, a crônica.

Em 1951, Nelson Rodrigues decolou para o que seria um salto em sua carreira: à convite de Samuel Wainer, foi trabalhar no "Última Hora", onde escreveu as crônicas de "A vida como ela é...". Ali, Nelson povoou suas histórias com personagens desempregados, comerciários e "barnabés" do Rio de Janeiro, tendo como cenários a Zona Norte, onde eles viviam; o Centro, onde trabalhavam; e esporadicamente a Zona Sul, freqüentada para prevaricar.

Nelson argumentava que desde o primeiro momento, "A vida como ela é..." apresentou uma característica quase invariável: ser uma coluna triste. Dizia que por uma destinação irresistível, só tratava de paixões, crimes, velórios e adultérios. Impôs-se uma

¹ Acadêmico do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Departamento de Comunicação Social do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – PR, bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica do Cesumar (PROBIC). dorne.vinicius@gmail.com

dupla condição: sofriam os personagens e os leitores. Afirmava: “A matéria-prima, que necessariamente uso, é, e aqui faço dois pontos: punhalada, tiro, atropelamento, adultério” (RODRIGUES, N. In: CASTRO, R. “Anjo Pornográfico”. São Paulo: Companhia das Letras: 1992, p.238). A maioria das fontes das histórias de “A vida como ela é...” Nelson buscava nas pessoas com as quais conversava. O que o cronista fazia era ouvir e pedir mais detalhes aos interlocutores. Logo, sua maior fonte era a realidade. Foram dez anos de redação, totalizando cerca de duas mil crônicas de “A vida como ela é...”.

A palavra “crônica” está vinculada a “tempo” (*chrónos*), vinda do grego *chronikós*. No início da era cristã, era entendida apenas como o registro de uma seqüência cronológica dos fatos. E foi com este sentido que teve seu furor após o século XII, na Idade Média. O termo chegou a ser substituído por “História” a partir do Renascimento, século XVI. Mas somente a partir do século XIX a crônica adquiriu uma personalidade literária e começou a ser publicada em jornal (MASSAUD, 1997).

Alguns críticos discutem a crônica como algo tipicamente brasileiro. Moisés Massaud, por exemplo, diz que ela assumiu entre nós seu caráter *sui generis*. Brito Broca, citado por Massaud (1994, p.102), define crônica como “prosa poemática, humor lírico, fantasia, etc., afastando-se do sentido de história, de documentário que lhe emprestam os franceses”. Para Massaud, a crônica foi abasileirada, até mesmo acariocada, após o século XIX, quando então se costumou chamá-la de um “produto genuinamente nacional” (1994, p. 22). A opinião do crítico é corroborada pelo jornalista José Marques de Melo, em seu “A opinião no jornalismo brasileiro” (1985). Não só a área jornalística a crônica tem presenciado. Ressalte-se a duplicidade de seu caráter: jornalístico e/ou literário. Antônio Dimas, em seu artigo “Ambigüidade da crônica: literatura ou jornalismo”, publicado pela revista “LITTERA”, depõe:

[...] E, dentro das páginas de um jornal, pesadas de informações rigorosas, a crônica funcionaria como descanso para o leitor, na medida em que ela se constrói a partir de um evento qualquer, porém moldada numa linguagem que tende para a ambigüidade, tende para a plurivocidade. [...] situamo-nos melhor perante uma construção verbal, cujos limites roçam pelo Jornalismo e pela Literatura [...] Se a literatura não precisa, em princípio, de nenhum compromisso com a realidade histórica, o mesmo já não pode ocorrer com a crônica, cujo motor de arranque é o cotidiano. (DIMAS, 1974, p. 48)

Moisés Massaud demonstra opinião semelhante em “A criação literária – Prosa II”: “a crônica [...] oscila, pois, entre a reportagem e a literatura, entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano por meio da fantasia” (MASSAUD: 1994, p.105).

Classificada como um gênero opinativo no jornalismo, a crônica resulta de uma visão subjetiva do escritor, que se presta da faculdade criadora e de uma linguagem literária para recriar a realidade, os acontecimentos diários, ressaltando desta maneira a sua veia de contador de histórias. Antonio Candido afirma que mesmo com seu ar despreocupado, a crônica pode, além de entrar fundo no significado das coisas, “levar longe a crítica social” (1993, p. 26). De uma forma clara e objetiva, este crítico traça o perfil da crônica com o escopo de revelar sua importância, reunindo em si tudo o que até então foi discutido:

Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e período candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, sobretudo porque quase sempre utiliza o humor. [...] Por se

abrigar nesse veículo transitório [o jornal ou revista], o seu intuito não é o dos escritores que pensam em 'ficar', isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posterioridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples **rés-do-chão**. Por isso mesmo, consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um; e, quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava. [...] E também porque ensina a conviver intimamente com a palavra, fazendo que ela não se dissolva de todo ou depressa demais no contexto, mas ganhe relevo, permitindo que o leitor a sinta na força dos seus valores próprios. (CANDIDO, 1993, p. 24)

Interpretar algumas crônicas de “A vida como ela é...”, escolhidas no intuito de buscar fatos e experiências vivenciadas e descritas pelo próprio autor Nelson Rodrigues é a proposta desta pesquisa. Uma vez que o cronista se serve de fatos e de sutilezas de caracteres, de miudezas cotidianas em suas criações, tomamos por verdade, como hipótese-problema a ser discutida, que ele pode, também, ver em si mesmo a fonte de acontecimentos a serem tratados no que escreve, fundamentando uma justaposição criativo-literária de fatos próximos e distantes dele; repercutindo em ilações e sentimentos exteriores (no e do outro) e interiores (em si e de si) a um só tempo. Assim, o objetivo passa a ser a investigação e análise de textos que possam comprovar que Nelson Rodrigues teve duas fontes distintas, mas correlatas de inspiração: as histórias que lhe contavam e as suas próprias. Para discutir a incidência desse recurso literário é preciso buscar as marcas de memorialismo, de biografemas na obra do autor, o que sugere uma revisão dos postulados teóricos da biografia. Daí a necessidade de recorrer a autores cuja atenção respalde tal abordagem investigativa, daí a necessidade de teorizar o biografismo, o biografema, o memorialismo como recurso estilístico passível de ser utilizado no gênero crônica e, especificamente, na crônica jornalística.

MATERIAL E MÉTODOS

Fez-se uma pesquisa bibliográfica e histórica com o intuito de elucidar e cotejar a relação vida e obra de Nelson Rodrigues. O método utilizado no desenvolvimento da pesquisa é, em primeira instância, dialético, uma vez que a base das ilações argumentativas se respalda na discussão e análise das sutilezas biográficas expressas nas crônicas rodrigueanas. Oportuno ainda dizer que metodologicamente não é possível fugir à demonstração analítica, pois a abordagem crítica é resultante da leitura e interpretação das crônicas e a averiguação de informação biográfica paralela. Para o leigo, que não acompanhou ou pouco sabe da vida de Nelson Rodrigues, o método serve como meio de identificação e comprovação dos biografemas em seu discurso jornalístico.

Num primeiro momento da pesquisa foram lidos os materiais referentes à crônica, *latus sensus*, de autores como Moisés Massaud: "A criação literária - Prosa II", "Dicionário de termos literários", "História da literatura brasileira - Modernismo"; Antonio Candido: "Recortes", capítulo III "A vida ao rés-do-chão"; Antonio Dimas: "Ambigüidade da Crônica: literatura ou jornalismo?" presente na revista "LITTERA". O passo posterior foi uma compreensão da biografia de Nelson Rodrigues através do livro "O anjo pornográfico - A vida de Nelson Rodrigues", do jornalista Ruy Castro, e de algumas crônicas de "A vida como ela é...", publicadas na década de 50, no jornal "Última Hora" do Rio de Janeiro. No decorrer destas atividades foram redigidos os argumentos críticos sobre todo o material estudado. Esboçado o aporte crítico, para apresentar o corpus final, seguiu-se uma análise da investigação dual vida/ memórias/ discurso jornalístico, com o escopo de elucidar os biografemas contidos nas crônicas selecionadas de "A vida como ela é...".

Dúvidas de quaisquer ordens levaram-me a consultar bibliotecas, sites; utilizar artigos, ensaios, periódicos ("Cult", "Bravo", "Veja"), entrevistas publicadas em quaisquer

meios de comunicação como “TV Globo” (programa “Noite de Gala”), jornais (“O Estado de S. Paulo”, “Folha de S. Paulo”, “Última Hora”, “A Manhã”, “Crítica”, “O Globo”, “O Jornal”), informações sobre/de Nelson Rodrigues, sobre teoria da biografia, sobre o gênero crônica e o discurso midiático.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quem quer que se dedique ao estudo do gênero biográfico constatará ser perceptível sua presença e importância, em maior ou menor grau, em todos os campos, no jornalismo, na sociologia, na literatura, na historiografia e crítica literária.

Sabe-se que o referencial de biografemas (traços biográficos mínimos de um autor, indícios de memorialismo que, de alguma forma, resgatam algo de sua vida) se amplia para além da existência do autor, podendo ser detectado também em sua obra, independente dos gêneros que a compõem. Muitos cronistas levam fatos, pessoas, histórias próprias para o que escrevem, sendo cruciais essas experiências para se analisar a obra que então conhecemos. Sob esta perspectiva é que foram analisadas as crônicas jornalísticas de um dos maiores escritores brasileiros: Nelson Rodrigues.

Na crônica “O Justo”, Nelson Rodrigues retrata a sociedade com uma história que fala das mazelas da família, mostrando que nem tudo é tão perfeito como alguns constroem em torno do círculo familiar – compreensão que resulta não só de ouvir casos e casos que lhe chegavam ao jornal, mas também e, principalmente, da sua própria experiência familiar conturbada pelos inúmeros casos extraconjugais do pai, Mário Rodrigues, e pela formação machista que recebeu, levando-o a agir como o pai vida afora. Há motivos associados e recursos de linguagem que fazem dessa crônica trágica um texto originalmente rodrigueano. O constante uso de palavras chulas como “cínica”, “canalha” e “cachorro” perpassam ao longo de toda a construção. Na crônica, após o pai engravidar a própria filha, Nelson usa como solução final, bastante recorrente em sua obra, a morte. Para o autor, a quem a morte rondou diversas vezes em situações trágicas de ciúme, adultério (irmão Mário Filho) e falta de saúde (irmão Joffre), a morte exime os personagens da culpa, do pecado; a morte pune o sexo. Para Nelson, eis uma das únicas soluções possíveis para aqueles que ousam quebrar certas regras sociais – posição reiteradamente proposta pelo biógrafo Ruy Castro como particularidade do caráter do autor.

A leitura investigativa de outras crônicas, entre elas “Flor de Laranjeira”, faz que se perceba um Nelson bem diferente do acima retratado, percepção corroborada pela crítica da época. Um primeiro contato com sua obra leva leitores, no plano da superficialidade, a pensarem em um Nelson Rodrigues de comportamento ultrajante e contrário ao matrimônio, à fidelidade. No entanto, como comprovam os dados da biografia “O anjo pornográfico”, Nelson se casou com Elza Bretanha por vontade de ambos e a noite de núpcias aconteceu apenas depois do casamento religioso. Casaram-se no civil às escondidas, pois a mãe de Elza não era a favor da união. A confiança veio aos poucos, enquanto Nelson cumpria as regras de um bom moço: foi batizado, fez a primeira comunhão e freqüentou a catequese. Casado, independentemente dos seus casinhos amorosos, amava sua esposa e conservava e defendia a união. Apesar de tratar da quebra de paradigmas e de desejos reprimidos da sociedade de sua época, como fez na crônica “Flor de Laranjeira” estampando o retrato de moças que também possuíam vontades e desejavam os homens que não podiam desejar, em grande parte das crônicas de “A vida como ela é...” Nelson mantinha valores e idéias “conservadoras”; os constantes finais de suas crônicas deixam vestígios de tal opinião e dos firmes valores do escritor.

A sociedade contemporânea de Nelson, tal como é exposta nas crônicas, não só evidencia a cosmovisão do autor como dá guarida às suas diretas provocações e ataques a jornalistas e críticos por meio de seus personagens. Na crônica “Covardia”, por

exemplo, Nelson dirige uma crítica a Carlos Drummond de Andrade, pois este se recusou a aceitar a peça “Álbum de Família”. A devolução não teve mão única: Nelson ralhou contra o gesto e contra a censura que sofria a um só tempo. O biografema é encontrado na voz da personagem Dr. Eustáquio, que tece vários ataques ao poeta Carlos Drummond de Andrade numa conversa com a personagem Rosinha. Outro biografema, ainda na mesma crônica e bem evidente, encontra-se no questionamento levantado sobre a localização da capital do Brasil. Nelson concordava com o governo Juscelino Kubitschek na defesa de Brasília como nova capital para o Brasil, ao contrário de Drummond, que desejava que a capital fosse o Rio de Janeiro.

Ao reinterpretar algumas crônicas de “A vida como ela é”, como “O Justo”, “Flor de Laranjeira”, “Covardia” e “Sórdido”, evidenciaram-se fatos e histórias vivenciadas pelo próprio autor – biografemas – e essas experiências se fixam no tempo tanto quanto suas opções temáticas: a morte como expiação dos pecados não moralmente aceitos pela sociedade da época, a morte punindo o sexo e o sexo punindo a morte, o duplo papel assumido pelos personagens: o moralmente aceito e o dos instintos, a quebra de paradigmas e de desejos reprimidos.

O estudo da tipologia e importância de biografemas no trabalho jornalístico de Nelson Rodrigues resulta na visão de um pano de fundo sócio-histórico e da construção de uma identidade. Influenciado pela importância da crônica enquanto gênero e atividade jornalística, e pela forte presença de Nelson Rodrigues no teatro e jornalismo brasileiros, este estudo teve o particular desejo de registrar sua presença marcante no relato da História.

CONCLUSÃO

Ainda que este trabalho não comporte uma leitura mais profunda e demorada de toda a obra rodrigueana, é certo que um estudo de tal dimensão elucidaria um número muito maior de biografemas, de traços do pensamento do autor, de acontecimentos de sua vida, expressos nas atitudes e psicologia de suas personagens, bem como nos locais utilizados para situar e referenciar seus personagens e na sua forma de narrativa. Isto porque, no gênero crônica, Nelson Rodrigues mostrou-se um autor essencialmente memorialista, autobiográfico.

Devido à capacidade de traduzir com intensidade pequenos fatos do cotidiano, do real, da “a vida como ela é”, Nelson Rodrigues se caracterizou como um cronista por excelência, provocando reflexões que vão muito além das páginas do jornal. Gilberto Freyre, autor de obras como “Casa Grande e Senzala”, citado por Bender, ressalta: “Em Nelson Rodrigues, como em Eça de Queiroz, o escrito vence o tempo como escritor, embora se servindo do jornal”. Para Freyre, Nelson Rodrigues é, dos dois, “o mais vigoroso nessa espécie de expressão literária: a transferível de jornal para o livro. Ele é lido em livro, tão forte de virtude literária, quanto lido em jornal” (BENDER e LAURITO, 1997, p.51).

Flora Bender fala do poder de “transcendência” que Nelson possuía ao transpor para o texto, desde “costureirinha do subúrbio assassinada pelo marido”, por ciúmes – mote recorrente – até “um jogo de futebol” (p.51). Acusa-lhe “ares de epopéia e tragédia grega”, e afirma que o delírio de dramaturgo se apodera também de suas crônicas e marca fortemente o estilo de seus textos: “Há a centelha do gênio que marca inconfundivelmente o seu estilo” (p.52).

Nelson Rodrigues, ainda que por vezes imperceptivelmente, utiliza-se de suas reminiscências, experiências da memória e experiências imediatas, para compor suas histórias. Às vezes são vestígios discretíssimos deixados pelo escritor na obra, e estes raramente dão margem a uma relação direta, principalmente se os leitores desconhecem sua biografia. Até mesmo o espaço para a construção da história pode ser biografema, e

nas crônicas rodrigueanas, é o mais variado: quarto, bairro, país, casa, rua, a praia, o terraço, todos conhecidos. Flora diz que “reminiscências” estão muitas vezes ali presentes e conclui que “a memória é o grande espaço da crônica” (p.71), tornando viva sua confusão e fusão com o tempo. Os personagens conhecidos de Nelson que povoaram as histórias, por vezes, tornaram-se recorrentes em seus textos, conhecidos também dos leitores. Na voz de Flora Bender: “Nelson Rodrigues tornou vivos o padre de passeata, a grã-fina de nariz de cadáver, a estudante de Comunicação da PUC (do Rio) e o Palhares, o pulha que não respeita nem as cunhadas” (p.75).

Vê-se que tal estudo contribui, no raso, como forma de comprovar a existência de uma nova possibilidade de estudo sobre as crônicas e, em particular, para favorecer maior conhecimento das múltiplas possibilidades de discurso e da riqueza discursiva de Nelson Rodrigues, que faz misto de ficção e jornalismo, expondo a si e valores de sua época. Que toda a obra de Nelson Rodrigues favoreça uma análise mais minuciosa e de diferentes abordagens. Uma dessas possibilidades está aqui.

REFERÊNCIAS

BENDER, Flora e LAURITO Ilka. **Crônica: história, teoria e prática**. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Razão Cultura, 1997.

CANDIDO, A. (et.al) **A Crônica - o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas/Rio de Janeiro: Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CASTRO, R. **Nelson Rodrigues: O Anjo Pornográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CONY, C. H. **A crônica como gênero e como antijornalismo**. In: Folha de S. Paulo, 16 de outubro de 1998, cad.04.

COUTINHO, A. **Caminhos do Pensamento Crítico**. Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1974.

DIMAS, A. **Ambigüidade da crônica: literatura ou jornalismo?**. *LITTERA*, Grifo. Ano IV, n.12, p.46-51, set-dez. 1974.

HISGAIL, F. **Biografia: Sintoma da Cultura**. São Paulo : Hacker Editores, 1997

MASSAUD, M. **A criação literária – Prosa II**. 15.ed. São Paulo : Cultrix, 1994.

RODRIGUES, N. **A vida como ela é: O homem fiel e outros contos; seleção: Ruy Castro**. 10ª reimpressão. São Paulo : Companhia das Letras, 1992.

RONDELLI, E. e HERSCHMANN, M. “A mídia e a construção do biográfico”. In: **Revista tempo Social**. São Paulo. N.1 Vol. 12, 2000.